

A inter-relação entre Campo Científico e Internacionalização à luz da fluência tecnológica

  **Larissa Dyovana de Oliveira Zamuner**

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Bauru, São Paulo, Brasil

larissa.zamuner@unesp.br

  **Aguinaldo Robinson de Souza**

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Bauru, São Paulo, Brasil

aguinaldo.robinson@unesp.br

Resumo: A fim de compreender a inter-relação entre o Campo Científico e o processo de internacionalização realizou-se a Análise Documental dos textos “Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico” (Bourdieu, 2004) e “A Distinção: a crítica social do julgamento” (Bourdieu, 2008) e concluiu-se que a interação tecnológica favorece a aquisição de conhecimento de forma rápida e direta, influenciando a hierarquização social dentro do campo.

Palavras-chave: Bourdieu; Instituição de Ensino Superior; *Habitus*

The interrelationship between the Scientific Field and Internationalization in light of technological fluency

Abstract: In order to understand the interrelationship between the scientific field and the process of internationalization, a documentary analysis of the texts "The social uses of science: toward a clinical sociology of the scientific field" (Bourdieu, 2004) and "Distinction: the social critique of judgment" (Bourdieu, 2008) was carried out and it was concluded that technological interaction favors the rapid and direct acquisition of knowledge, affecting the social hierarchy within the field.

Keywords: Bourdieu; Higher Education Institution; *Habitus*

La interrelación entre el campo científico y la internacionalización a la luz de la fluidez tecnológica

Abstract: Para comprender la interrelación entre el campo científico y el proceso de internacionalización, se realizó un análisis documental de los textos "Los usos sociales de la ciencia: hacia una sociología clínica del campo científico" (Bourdieu, 2004) y "Distinción: La crítica social del juicio" (Bourdieu, 2008), se concluyó que la interacción tecnológica favorece la adquisición de conocimientos de forma rápida y directa, lo que influye en la jerarquización social dentro del campo.

Keywords: Bourdieu; Institución de educación superior; *Habitus*

Recebido em: 08/06/2024

Aceito em: 14/12/2024

1. INTRODUÇÃO

A ciência em si atua como produção cultural da sociedade para a própria sociedade, sendo fruto de estudo, criatividade e imaginação, constituída por códigos próprios e métodos matemáticos, verbais e simbólicos, a partir dos quais o cientista valida seu trabalho perante a comunidade científica.

Tal comunidade compõe o Campo Científico que, segundo Bourdieu (1983), é um espaço de luta concorrencial regida por relações de força e monopólio, outorgado pela capacidade de agir e falar a partir dos pressupostos científicos para a própria comunidade científica. As universidades atuam como um Campo Científico especializado na aquisição do conhecimento e também ascendem na busca pelo reconhecimento e prestígios perante o cenário internacional.

Por se tratar de um processo multifacetado, observa-se uma forte influência da globalização nas Instituições de Ensino Superior (IES), a partir do desenvolvimento de habilidades e competências para o mercado de trabalho global, da implementação de políticas públicas e de um currículo internacional, esse processo ficou conhecido como internacionalização (Rudzki, 1998).

O processo de internacionalização promoveu a necessidade do desenvolvimento de um capital tecnológico alheio ao capital cultural, a fim de transformar as formas de pensar, agir e se relacionar, tal situação corresponde a influência tecnológica, ou seja, “a competência em usar tecnologias digitais (a fluência tecnológica) seria o capital cultural de ordem ‘cibernética’ adequadamente acionado pelo sujeito conforme disposições do habitus nas mais diversas situações de uso das tecnologias” (Rocha, 2011, p. 1732).

Atualmente, a internacionalização corresponde a uma ideia de superioridade da nação desenvolvida em relação a uma nação emergente, mantendo condicionado o Campo Científico a um poder simbólico, bem como, favorecendo a busca desenfreada por poder e prestígio. É necessário, portanto, a consolidação de países emergentes no cenário de cooperação internacional para que haja mudanças no sistema de internacionalização, no sentido de modificar a relação de interdependência e abrir espaço para os países em desenvolvimento.

Nesse sentido, o presente trabalho tem por objetivo analisar como os sujeitos são conduzidos, dentro do Campo Científico, pelo *habitus* adquirido frente a fluência tecnológica durante o processo de internacionalização a partir da Teoria dos Campos de Bourdieu.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA



2.1 A Teoria dos Campos de Bourdieu

No mundo globalizado, todas as esferas comuns podem ser chamadas de campo como, por exemplo, o campo de poder, o jurídico, o das artes, o científico, o acadêmico, entre outros, no qual apenas os sujeitos pertencentes a esse meio conseguem compreender seus conceitos, assim, define-se campo como um

universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura ou a ciência. Esse universo é um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas. A noção de campo está aí para designar esse espaço relativamente autônomo, esse microcosmo dotado de suas leis próprias (Bourdieu, 2004, p. 20).

Os campos estão interligados, influenciando uns aos outros. Nesse sentido, as interações transnacionais ditam a forma como os sujeitos irão se comportar dentro dos campos. Essa organização formada por um grupo de indivíduos que realiza atividades estruturadas a fim de atingir objetivos comuns corresponde ao científico, é definida como

um mundo social e, como tal, faz imposições, solicitações etc., que são, no entanto, relativamente independentes das pressões do mundo social global que o envolve. De fato, as pressões externas, sejam de que natureza forem, só se exercem por intermédio do campo, são mediatizadas pela lógica do campo. Uma das manifestações mais visíveis da autonomia do campo é sua capacidade de refratar, retraduzindo sob uma forma específica as pressões ou as demandas externas” (Bourdieu, 2004, p. 21- 22).

Por exemplo, dentro da ciência, há uma linguagem muito intrincada, própria, que faz com que as pessoas que estão fora desse círculo social não compreendam determinados termos, e se aliem aos conceitos relacionados. Tal especificidade pode ser acessada quando, dentro do campo científico, o capital tecnológico adquirido se alia ao capital científico e cultural.

2.2 A Superespecialização da Ciência

A ciência tornou-se estigmatizada devido a sua superespecialização perante a sociedade, uma vez que, dentro da comunidade científica há uma linguagem própria aperfeiçoada apenas aqueles que possuem a expertise do Campo Científico. Isso ocorre pois os agentes dominantes se orquestram dentro do Campo Científico, tornando-se detentores dos emblemas, signos e técnicas necessários para



a comunicação científica, modificando completamente a percepção social da ciência. Assim, “o sujeito da ciência não é o cientista singular, mas o campo científico, como universo de relações objetivas de comunicação e de concorrência reguladas em matéria de argumentação e de verificação” (Bourdieu, 2008, p. 99).

Essa veiculação de informação superespecializada compreendida apenas pela comunidade científica atua como poder simbólico, que corresponde a um poder “[...] quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica) e só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário [...]” (Bourdieu, 1989, p.14).

O grande obstáculo atual é desvincular o julgamento sobre capacidade científica da posição em que ele ocupa na hierarquia do campo científico, tendo em vista que, atualmente, as práticas envolvidas na comunidade científica são objetivadas na aquisição de prestígio e reconhecimento. Bourdieu (2004) defende que é necessário o entendimento dos esquemas de lógica na organização do campo para que o indivíduo adquira competência dentro do mercado, a partir da natureza dos bens consumidos.

Em analogia ao Campo Científico, haveria o capital tecnológico que corresponde a aquisição de conhecimento sistematizado e configurado frente às tecnologias de informação e comunicação que movem o mundo moderno. Esse capital tecnológico, alheio ao campo cultural e científico, atua nos sujeitos e os influencia a partir do habitus social, como fluência tecnológica. Dessa forma, compreende-se que

A fluência tecnológica requer um processo de aprendizado ao longo da vida, no qual indivíduos continuamente aplicam o que eles sabem para adaptarem-se às mudanças e adquirir mais conhecimento para serem mais efetivos na aplicação da tecnologia da informação no seu trabalho e em suas vidas pessoais (National Research Council L, 1999, tradução livre).

Outro obstáculo é transformar essa comunicação científica super especializada em comunicação popular da ciência, ou seja, difundir o conhecimento realizado na comunidade científica, para a sociedade. Essa difusão ocorre, principalmente, com a aquisição da fluência tecnológica pelos agentes, a partir das universidades, local onde os conhecimentos científicos são apresentados em mais detalhes, tanto no ensino, quanto na pesquisa e na extensão, para a sociedade.

No Campo Científico, estabelece-se uma luta pelo capital social da ciência como uma nova espécie de capital, em que a reputação, o prestígio, a competência e a autoridade científica constituem um “valor de seus produtos” que, segundo Bourdieu (2004), apenas os cientistas que atuam como

agentes dominantes detêm os meios de apropriação desse poder simbólico. É necessário, portanto, a criação de agentes independentes que se opõem a classificação imposta por outros agentes, sendo, portanto, influenciados pelo *habitus* e as experiências adquiridas a fim de conquistarem sua posição no mundo social.

2.3 A Fluência Tecnológica Perante o Processo de Internacionalização as Instituições de Ensino Superior

A globalização, por se tratar de um processo multifacetado, moldou um novo mundo pautado em uma economia mundial integrada, em novas tecnologias e fontes de informação, no qual o conhecimento deixa de ser um recurso limitado e passa a transitar por redes, sistemas e fronteiras.

O que favoreceu uma aprendizagem global, na qual espera-se que os alunos adquiram habilidades para explorar o fluxo de conhecimentos a partir de aprendizagens colaborativas e internacionais com atividades de interconexão e desenvolvimento de práticas colaborativas e plurais.

Esse novo panorama em que as IES passaram a ser inseridas ficou conhecido como internacionalização, que se refere a um processo de mudanças organizacionais, de desenvolvimento profissional do corpo acadêmico e da equipe administrativa, de inovação curricular, de mobilidade acadêmica com a finalidade de buscar excelência na docência, na pesquisa e em outras atividades que são parte da função das universidades (Rudzki, 1998).

Há diversos fatores políticos, econômicos, socioculturais e acadêmicos que se estabeleceram de modo a favorecer o processo de internacionalização das IES. No percurso político, há investimentos diplomáticos entre os países, como forma de preservação e desenvolvimento dessas relações, a fim de aumentar a esfera de influência a partir de programas de treinamentos, pagamentos de bolsas e auxílios e construções de instituições.

O cenário econômico se molda na competitividade, no desenvolvimento tecnológico e na especialização do mercado de trabalho, desempenhando um papel positivo em relação à demanda nacional por educação e impulsionando incentivos financeiros para as instituições e os governos.

No âmbito sociocultural há a troca de saberes e costumes entre os estudantes do país de origem e o país sede, promovendo o aprendizado e desenvolvimento social do indivíduo, relacionando-se diretamente à esfera acadêmica que eleva o status das universidades a partir de uma dimensão internacional para a pesquisa e o ensino.

O advento da tecnologia favorece a criação e inserção de novas políticas e diretrizes internacionais para a educação com o objetivo de moldar o cenário educacional para um mercado de trabalho internacional, estendendo o horizonte acadêmico e, conseqüentemente, melhorando a qualidade do ensino elevando o status e os padrões da instituição a nível internacional.

Machado, Santos e Costa (2020), no artigo “ as contribuições das tecnologias digitais para a internacionalização da Educação Superior em casa e a construção da cidadania global”, organizaram uma pesquisa de caráter qualitativo com o uso de questionário on-line, com o objetivo de compreender a forma como a internacionalização, mais especificamente a internacionalização em casa, é vista no contexto brasileiro, incluindo o papel das tecnologias digitais nesse processo.

As tecnologias são vistas como ferramentas essenciais para conectar estudantes e docentes a experiências internacionais, como cursos on-line e colaborações com universidades estrangeiras, ampliando o alcance educacional, proporcionando uma educação internacionalizada dentro do contexto local.

Em resumo, Machado, Santos e Costa (2020) destacam que a internacionalização é uma oportunidade de democratizar o acesso a uma educação globalizada, promovendo a troca de conhecimentos e a convivência intercultural por meio das tecnologias digitais, sem a necessidade de deslocamento físico para outros países. No entanto, a implementação bem-sucedida desse processo depende da formação adequada de docentes e da adaptação das práticas acadêmicas às realidades locais.

Assim, compreende-se a formação de um ensino globalmente competitivo com foco em excelência de pesquisa e *rankings* institucionais, propiciando novos desafios para as IES em todo o mundo (Rudzki, 1998).

Cada *ranking* adota uma série de medidas para avaliar as IES, entre elas a colaboração internacional na pesquisa, citações internacionais, mobilidade acadêmica de estudantes e professores, publicações internacionais, entre outras.

De acordo com a *Global 2000 list by the center for world university rankings*, disponibilizado em 2023, as 10 primeiras universidades estão localizadas no hemisfério Norte, conforme a tabela 1.

A forma como os *rankings* globais são organizados favorecem a ascensão das nações do Norte Global, promovendo a invisibilidade da produção científica fora do eixo Euro-América. No entanto, algumas nações, com melhor economia e investimentos na área de educação, dispõem de vantagens em relação às nações emergentes.

Woitas e Pires (2016, p. 3) expressam que “atualmente, com a facilidade tecnológica proveniente da globalização que torna a internacionalização mais rápida, a dominação é imposta culturalmente pelo entretenimento, academicismo, e, também, pela língua”, proporcionando a tais nações uma representatividade política, econômica, social e cultural.

Isso reflete em submissões não só físicas, mas também ideológicas, na qual a exploração econômica resulta em uma crença de superioridade das nações desenvolvidas. Assim, o capital não é mais a principal forma de exploração, e sim o poder simbólico e

o controle passa a ser movido por interesses econômicos de se internacionalizar uma cultura dominante, a ideia de superioridade prevalece também nesse contexto e a exploração segue como forma de continuação do projeto colonial, agora, por meio de uma submissão ideológica, a partir do poder simbólico (Woitas; Pires, 2016, p. 4).

É a partir desse interesse que se rege o processo de internacionalização atualmente, no qual a ideia de superioridade de uma nação desenvolvida prevalece em relação a uma nação emergente.

Tabela 1 - Ranking Mundial das 10 Universidades mais renomadas

<i>Ranking Mundial</i>	<i>Universidade</i>	<i>País</i>
1º	Harvard	EUA
2º	MIT	EUA
3º	Stanford	EUA
4º	Cambridge	Reino Unido
5º	Oxford	Reino Unido
6º	Princeton	EUA
7º	Chicago	EUA
8º	Columbia	EUA
9º	Pennsylvania	EUA
10º	Yale	EUA

Fonte: Center for world university rankings (2023).

3 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

Esta obra está licenciada sob
uma Licença *Creative Commons*

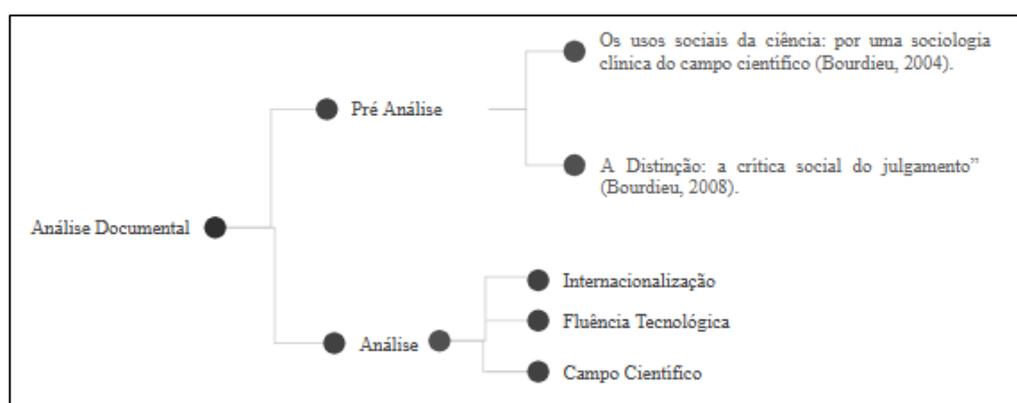


A pesquisa, de natureza qualitativa, do tipo Análise Documental (Cellard, 2008), por ser mais adequada para compreensão do fenômeno investigado, ou seja, compreender como os sujeitos são conduzidos dentro do Campo Científico a partir do adquirido frente a fluência tecnológica. Apresentamos uma análise do processo de internacionalização a partir da Teoria dos Campos de Bourdieu.

Para isso, realizou-se a análise dos textos “Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico” (Bourdieu, 2004) e “A Distinção: a crítica social do julgamento” (Bourdieu, 2008) buscando os excertos relacionados ao processo de internacionalização frente a fluência tecnológica, partindo dos pressupostos do Campo Científico.

A pesquisa consiste em dois pontos principais, a Pré-análise e a Análise Analítica. A Pré-análise corresponde à organização inicial dos textos, considerando os objetivos propostos e a questão de pesquisa a ser respondida, e a Análise Analítica diz respeito à categorização dos resultados brutos e sua análise, utilizando o aporte teórico de Bourdieu a fim de tornar os dados significativos e válidos para responder à questão de pesquisa. Apresentamos, na Figura 1, uma representação do percurso metodológico.

Figura 1 - Percurso metodológico a partir da Análise Documental



Fonte: autoral (2024).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO: O CAMPO CIENTÍFICO NO PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO, FRENTE A FLUÊNCIA TECNOLÓGICA

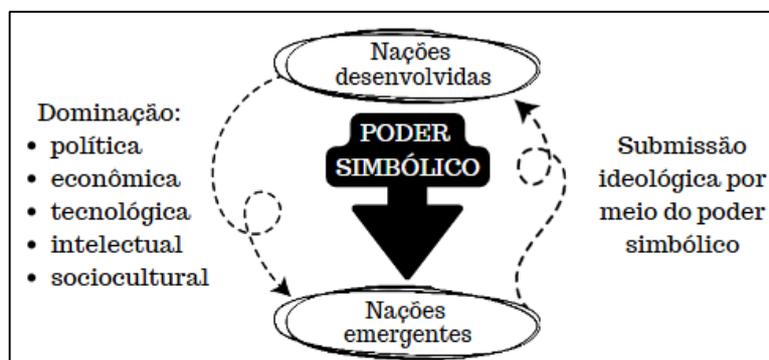
A educação é vista como a *commodity* no mercado internacional, uma vez que as IES mais procuradas no quesito parcerias e mobilidade acadêmica são aquelas que possuem melhor classificação em *rankings* e pesquisa, pertencentes ao eixo Euro-América. Os principais países de destino dos estudantes são EUA, Reino Unido, Austrália e Canadá, aqueles que possuem mais acesso a investimentos e ao campo tecnológico, de modo que os países periféricos são pouco procurados quando analisamos a mobilidade acadêmica e de pesquisa.

Esse sistema gera dois pólos, de um lado há a necessidade de promover conhecimento de excelência que torne as IES cada vez mais atraentes e reconhecidas internacionalmente para poder competir com as melhores IES de outros países, partindo do pressuposto de alfabetizar tecnologicamente seus agentes. E, do outro lado, há o objetivo de promover grandes conglomerados de treinamento de pessoal para o mercado de trabalho automatizado e informatizado, formando profissionais com vasta competência operacional e fluência tecnológica.

Assim, o campo educacional se torna tão dependente de um sistema internacionalizado e tecnológico que corrobora disputas hegemônicas de modo articulado ao campo econômico e ao campo do poder, influenciando a produção de campos sociais dependentes dessas interações.

Tais interações são determinadas pelo poder simbólico que os sujeitos - designados como “agentes”- mais bem posicionados, exercem sobre os sujeitos considerados inferiores em relação a sua posição. Na Figura 2 apresentamos um resumo da interdependência entre as nações frente ao processo de internacionalização.

Figura 2 - Interdependência entre as nações frente ao processo de internacionalização



Fonte: autoral (2024).



É possível observar que as nações colonizadoras, localizadas principalmente no eixo Euro-América possuem vantagem em relação ao processo de internacionalização, atuando como exemplos. Um dos fatores que levam a isso é a rapidez dos avanços científicos e tecnológicos devido a quantidade de investimentos nessa área.

Um exemplo disso está relacionado com a disponibilização de fontes de dados e equipamentos tecnológicos mais avançados em IES com maior investimento e prestígio. Ocasionalmente novas descobertas inovadoras na área científica com maior rapidez do que nas nações emergentes, em grande parte, não por falta de capital científico, mas sim, por falta de capital tecnológico.

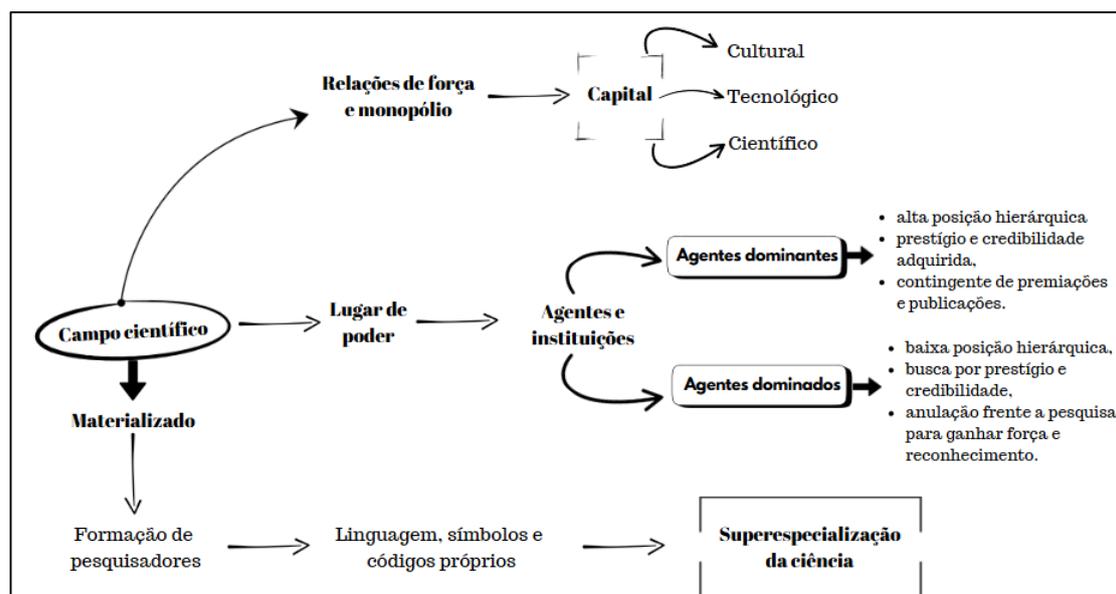
Nesse caso, “a produção de informação (como a posse de blogs, websites) e a expressão artística no ciberespaço (como as manifestações de ciberarte) estariam mais próximas ao habitus das classes mais elevadas no espaço social (em especial das classes com maior capital cultural)” (Rocha, 2011, p. 1736).

Essa dominação ocasionada pelo poder simbólico, em busca de prestígio perante o cenário educacional internacional, faz com que os próprios pesquisadores - agentes- sintam-se tão imersos nesse ambiente que não compreendem sua anulação frente a pesquisa. Principalmente, quando são pesquisadores que acabaram de ingressar no meio, em busca de ganhar forças e reconhecimento dentro do campo científico.

A hierarquização é tão estruturada e intrínseca ao campo, que o próprio poder simbólico, considerado um poder invisível, condiciona os indivíduos em suas posições, levando-os a aceitar, e até mesmo a concordar, com o que o campo determina. Tais relações de poder estão presentes em nossa sociedade desde a época do colonialismo, com imposições físicas, e agora, se perpetuam, com imposições simbólicas. Na Figura 3 apresentamos um resumo das relações envolvidas no Campo Científico.

Figura 3 - Relações no Campo Científico





Fonte: autoral (2024).

A partir disso, observa-se que,

Todo campo, o campo científico por exemplo, é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças. Pode-se, num primeiro momento, descrever um espaço científico ou um espaço religioso como um mundo físico, comportando as relações de força, as relações de dominação -os agentes- por exemplo, as empresas no caso do campo econômico criam o espaço, e o espaço só existe (de alguma maneira) pelos agentes e pelas relações objetivas entre os agentes que aí se encontram (Bourdieu, 2004, p. 22-23).

Os cientistas, como atores sociais, cooperando ou rivalizando, atuam perante as instituições em que estão inseridos, sendo influenciados pela sociedade em que estão inseridos, ou seja, seu campo social. Assim, compreende que a autonomia da ciência é relativa e que, há, portanto, dois tipos de relações essenciais, aquelas que ocorrem “dentro” do campo, e as que ocorrem “fora” do campo, intrínsecas.

As relações internas são mantidas por situações que ocorrem dentro do campo, ou seja, um cargo considerado elevado, será mantido e passado para as próximas gerações e, como vimos anteriormente, as relações de poder instituem os agentes a não questionarem essas relações. A única forma de mudar isso, seria por meio das relações externas e

Perceber que a ciência se tornou um instrumento de legitimação do poder, que os novos dirigentes governam em nome da aparência de ciência econômico-política que se adquire na Sciences Po e nas Business School, isto não deve conduzir a um anticientificismo romântico e regressivo que sempre coexistem na ideologia dominante, com o culto professado da ciência. Trata-se antes de produzir as condições de um novo espírito científico e político, libertador porque liberto das censuras. (Bourdieu, 2003, p. 24)

É ingênuo pensar que a ciência é neutra, seu desenvolvimento representa um processo completamente intrincado de culturas, valores e variáveis de natureza social. Tal discurso busca por legitimidade e autoridade científica perante o cenário internacional a partir da hegemonia cultural, econômica e política nas ações de trocas entre diferentes países, por meio de parcerias que levem em consideração o fator de impacto das publicações, citações, prêmios, títulos, bolsas e promoções.

A ciência atua como um sistema de trocas, assemelhando-se ao cenário econômico, em que os cientistas lutam para manter sua posição dentro do campo científico, assim como os empresários no campo econômico, e os bens trocados no espaço científico são o conhecimento e o reconhecimento. Em nações com mais investimentos na área, essas trocas são facilitadas pela fluência tecnológica, considerando a forma como as IES se apropriam dos facilitadores tecnológicos para fomentar parcerias com IES de maior prestígio.

Quanto maior o reconhecimento, mais investimentos e mais prestígios são adquiridos pelas IES, levando a uma competição entre os pesquisadores para obtê-lo ou mantê-lo. Isso está atrelado diretamente ao habitus e a sua garantia da

experiência ativa das experiências passadas que, depositadas em cada organismo, sob forma de esquemas de percepção, de pensamentos e de ação, tendem de forma mais segura que todas as regras formais e que todas as normas implícitas, a garantir a conformidade das práticas e sua constância ao longo do tempo (Bourdieu, 2008, p. 90).

Dentro do campo científico, aqueles que conseguem manter uma carreira bem sucedida são diferenciados pela posição, pelo prestígio e credibilidade adquirida no campo, cercando-se de premiações e publicações, ou seja, “os agentes (indivíduos ou instituições) caracterizados pelo volume de seu capital determinam a estrutura do campo em proporção ao seu peso, que depende do peso de todos os outros agentes, isto é, de todo o espaço” (Bourdieu, 2004, p. 24).

No Campo Científico, se estabelece uma luta pelo capital social da ciência como uma nova espécie de capital, em que a reputação, o prestígio, a competência e a autoridade científica constituem um “valor de seus produtos” que, segundo Bourdieu (2004),

Esta obra está licenciada sob
uma Licença *Creative Commons*



apenas os cientistas que atuam como agentes dominantes detêm os meios de apropriação desse poder simbólico. Assim,

Se se considera que na dinâmica do campo social há dinâmicas de classificação e desclassificação das práticas culturais legítimas (dos domínios mais legítimos – música, pintura, literatura - aos menos legítimos – vestuário, alimentação, cultura livre), também as práticas de uso das tecnologias digitais estariam a favor da manutenção de interesses de determinados grupos (em especial do campo econômico) (Rocha, 2011, p. 1734).

Bourdieu aponta que “os conflitos intelectuais são também, sempre, de algum aspecto, conflitos de poder” (Bourdieu, 2004, p. 41), ou seja, nas situações em que observamos as disputas de patentes, por exemplo, não é só o conhecimento que está em jogo, e sim a posição social e o status, tanto individual, como coletivo.

Tais relações ficam condicionadas, portanto, pelo capital, nesse caso, científico, que é definido como

(...) uma espécie particular do capital simbólico (o qual, sabe-se, é sempre fundado sobre atos de conhecimento e reconhecimento) que consiste no reconhecimento (ou no crédito) atribuído pelo conjunto de pares-concorrentes no interior do campo científico (o número de menções do *Citation Index* é um bom indicador, que se pode melhorar, como o fiz na pesquisa sobre o campo universitário francês, levando em conta os sinais de reconhecimento e de consagração, tais como os prêmios Nobel ou, em escala nacional, às medalhas do CNRS e também as traduções para as línguas estrangeiras) (Bourdieu, 2004, p. 26).

Fica muito nítido que, mesmo o capital científico sendo considerado uma forma de conhecimento, ele ainda funciona como moeda de troca dentro do campo, e está condicionado às relações econômicas e de poder. Tal capital está atrelado diretamente a fluência tecnológica devido “a capacidade técnica e poder social; ou ainda o monopólio da competência científica [...] a capacidade de falar e de agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que é socialmente outorgada a um agente determinado” (Bourdieu, 2008, p. 131-132).

Como mencionado por Bourdieu (2008), esse capital está sujeito ao número de traduções, de publicações, de menções, medalhas, entre outros fatores de reconhecimento, que estão diretamente relacionados à forma como o processo de internacionalização se estende atualmente, no qual às instituições de ensino superior com maior prestígio, são aqueles com excelência em *rankings* e publicações.

O processo de internacionalização atual fica condicionado a essas relações, no qual as instituições de ensino superior mais renomadas e mais procuradas para parcerias, são aquelas pertencentes às nações mais desenvolvidas, que possuem melhores investimentos e tecnologias na área da educação.

É necessário, portanto, respeitar os contextos sociais, históricos, culturais, econômicos e locais em que a IES está inserida, a fim de obter uma educação mais inclusiva e equidade de oportunidades. Isso pode ser feito a partir da instituição de um Diálogo Intercultural, que corresponde ao processo de troca de ideias entre indivíduos de diferentes culturas e etnias, com base na compreensão e respeito mútuo, aliado a tecnologias digitais de comunicação, com encontros on-line entre estudantes de outras IES ao redor do mundo.

Além disso, outras instâncias da internacionalização também podem ser melhor exploradas a partir da fluência tecnológica, a fim de estreitar a lacuna acadêmica no Campo Científico, como por exemplo, a Mobilidade Acadêmica com reuniões via *Skype*, *Google Meet* e Congressos On-line, a Mobilidade Estudantil com escola de verão e voluntários on-line, a colaboração internacional com pesquisa e financiamento entre pares, a distância, a Internacionalização do Currículo e Internacionalização em casa com auxílio de *softwares* e sistemas internacionais, Programa de Idiomas com disciplinas de Educação a Distância e professores internacionais, entre outros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ciência tem se tornado tão superespecializada devido às inovações tecnológicas que têm se distanciado da sociedade, formando um microcosmo próprio, o campo científico. Dentro dele, há diversas relações de poder, que atuam de modo a propiciar uma hierarquização intrincada, na qual aqueles que possuem cargos elevados, permaneceram, até que um fato externo exerça uma pressão sobre o campo, vinculado ao habitus dos sujeitos.

Tais interações são condicionadas pelo poder simbólico, um poder invisível que se reproduz nas relações de força, antes físicas, da época do colonialismo. Dentro do campo científico, essas relações são marcadas pela excelência de pesquisas e rankings institucionais internacionais, nos quais as instituições de ensino superior que pertencem às nações mais desenvolvidas possuem vantagens às nações subdesenvolvidas.

Esse processo fica marcado pela internacionalização e por uma corrida em busca de conhecimento informacional e prestígio, vinculados ao capital tecnológico que reforçam, cada vez mais, as relações de poder. Para mudar essa situação é necessário, não só, promover mudanças institucionais, partindo da compreensão dos agentes sobre sua posição e sobre o poder que lhes é exercido, subvertendo-se ao habitus pré-determinado, mas também, considerar aquisição do capital tecnológico, a partir da fluência tecnológica, favorecendo sua ascensão no mercado de trabalho globalizado.

De modo geral, busca-se promover um ensino intercultural ativo e de qualidade a fim de combater o poder simbólico gerado frente às nações emergentes, para isso, deve-se pautar da fluência tecnológica inserindo o estudante no mercado de trabalho internacional, com práticas de ensino colaborativas e serviços de apoio aos estudantes. Tais valores devem ser associados ao intercâmbio cultural, não só de pessoas, mas também de programas, provedores, políticas e projetos, podendo atuar de forma on-line, a distância ou presencial.

É necessário formar uma ponte entre os países que fazem parte da internacionalização, com avaliação constante para melhora na qualidade do processo, maior impacto de iniciativas e implementações de estratégias a fim de desenvolver mais incentivos, reconhecimentos e recompensas para IES, funcionários e estudantes, de modo justo, partindo do seu grau de participação.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155.

BOURDIEU, P. The forms of capital. In: RICHARDSON, J. (Ed.) **Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education**. New York, Greenwood, 1989, p. 241-258.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Trad. Jeni Vaitsman. Rio de Janeiro: Marco Zero, 2003.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.

BOURDIEU, P. **A Distinção: a crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.



CELLARD, A. A Análise Documental. In: POUPART, J. *et al.* (Orgs.) **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 295 - 316.

CENTER FOR WORLD UNIVERSITY RANKINGS. **Global 2000 list by the center for world university rankings. 2023 Edition**. Disponível em: <https://cwur.org/2023.php>. Acesso em: 12 fev 2024.

MACHADO, K. G. W.; SANTOS, P. K.; COSTA, C. S. As contribuições das tecnologias digitais para a internacionalização da Educação Superior em casa e a construção da cidadania global.

Revista Cocar, v.14, n. 29, p. 700-722, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3404>. Acesso em: 16 nov 2024.

NATIONAL RESEARCH COUNCIL. **Commission on Physical Sciences, Mathematics, and Applications**. Committee on Information Technology Literacy, Computer Science and

Telecommunications Board. *Being Fluent with Information Technology*. Washington, D.

C.:National Academy Press, 1999. Disponível em: <http://www.nap.edu/catalog/6482.html>. Acesso em: 16 nov 2024.

ROCHA, E. C. S. Relações entre *habitus* e fluência tecnológica: uma leitura a partir de Bourdieu.

In: XII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, Brasília. 2011. **Anais [...]**, 2011.

RUDZKI, R. E. J. **The strategic management of internationalization**: towards a model of theory and practice. 1998. 331 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filosofia na Faculdade de Educação, University Of Newcastle upon Tyne, Reino Unido, 1998.

WOITAS, N. M. A; PIRES, L. L. A internacionalização como poder simbólico de dominação: uma leitura neocolonialista. Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais. 2016. **Anais [...]**, 2016.

Disponível em: <https://anaiscbeo.emnuvens.com.br/cbeo/article/view/10>. Acesso em: 12 fev. 2024.

